

E O RECIFE SAMBOU: DISPUTAS E CONFLITOS EM TORNO DAS PRIMEIRAS ESCOLAS DE SAMBA¹

Augusto Neves da Silva²

Introdução

Neste trabalho objetivo demonstrar os conflitos e as tensões em torno das ‘primeiras’ escolas de samba no Recife. Como estas práticas culturais apareceram pela cidade? Assim, para responder a essa questão procuro esboçar uma genealogia do posicionamento dos intelectuais³ e de alguns sambistas a respeito dos começos das escolas de samba na capital pernambucana. Para isso, tomo como referência o texto “Nietzsche, a genealogia e a história”, parte da obra *Microfísica do Poder*, em que Michel Foucault estabelece uma diferença entre origem e genealogia⁴.

Foucault partilha com Nietzsche o ponto de vista de que a história deve ser uma atividade que busca destronar ídolos e deuses, que visa a inquietar o pensamento e o

¹ Este artigo é parte do terceiro capítulo da minha dissertação defendida em agosto de 2011 no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pernambuco. A documentação que vou utilizar aqui são as matérias dos jornais e os relatos orais de memória de alguns sambistas. A pesquisa contou com apoio financeiro do CNPq, por meio de uma bolsa de mestrado, e da FACEPE, que concedeu um auxílio para desenvolver pesquisas no Rio de Janeiro durante 3 meses.

² Professor do Departamento de História da Faculdade Anglo Líder (São Lourenço da Mata – PE), Coordenador das Especializações em História do Nordeste e Brasil Contemporâneo na Fundação de Ensino Superior de Olinda. Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense. E-Mail: <augustonev@gmail.com>.

³ Certos indivíduos são ditos, entendidos e nomeados pela sociedade recifense da época com a qual trabalho como intelectuais. Intelectual para esse momento histórico eram aqueles sujeitos que escreviam nos jornais, ocupavam cargos em instituições públicas importantes, produziram escritos, memórias, crônicas sobre o Recife, os quais escreveram uma história sobre a cidade e o próprio Estado de Pernambuco. Ressalto que a categoria de intelectuais não é atemporal, nem homogênea, nem pode ser entendida como um “grupo” coeso, nem o “ser intelectual” representou a mesma coisa em todo o tempo. No entanto, não posso fugir a “essa categoria”, pois é dessa forma que esses indivíduos são entendidos e nomeados pela sociedade nos jornais. Sobre o papel e a função do Intelectual na sociedade, ver, entre outros: BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

⁴ A genealogia para Foucault se coloca em oposição à pesquisa de origem. É impossível entender a genealogia, acreditando que as origens possam ser descobertas sem trazerem consigo máscaras, disfarces, sentidos diversos, desejos reprimidos e privilegiados, invasões e lutas. Ao iniciar o texto em destaque Foucault inicia afirmando que a genealogia é cinza, ele se apóia em Nietzsche para afirmar que os estudos das origens não nos revelam certezas claras, distintas, precisas, primárias, ao contrário ele nos alerta que a documentação deve ser tratada como algo que provem de misturas de várias combinações, de interferências. Para Foucault: “A genealogia seria portanto, [...] um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico. FOUCAULT, Michael. “Genealogia e a história”. In: _____. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.172.

*poder, que se dedica a nos libertar do peso do passado, de sua repetição mecânica e acrítica. Ela deve arruinar a familiaridade com as coisas de antanho, dessacralizar e desnaturalizar o que nos chega do passado como valores universais e eternos. Ele pratica a História, ironicamente, a serviço do esquecimento e não da lembrança, da perturbação do mesmo, da unidade, da identidade e da semelhança.*⁵

Praticamente todos os que escreveram a respeito dos começos das escolas de samba na capital pernambucana, as associavam com um fenômeno transposto do Rio de Janeiro. Em raros momentos o leitor encontrará uma discussão apresentando as escolas de samba como construção de homens e mulheres inseridos em uma sociedade, na qual buscavam espaço e poder.

Com esse tipo de análise os intelectuais retiravam a possibilidade de interpretar as escolas de samba como uma manifestação repleta de significados impressos por aqueles que a faziam. Não era posta a ideia de entender essas práticas como parte das estratégias dos sambistas em meio a uma complexa rede de sociabilidades, “nas quais outras práticas estavam presentes como forma de compor esse jogo tático que é viver em uma sociedade marcada pelo olhar da alteridade, do outro e do indiferente”⁶.

Procuro ainda, interpretar o que estava em jogo para que ocorressem as disputas pela primazia do samba na capital pernambucana, buscando discutir qual a importância de ser nomeada a ‘primeira’ escola de samba do Estado. Os sambistas lutavam por espaços numa sociedade marcada pela valorização do tradicional. Nesse sentido, podem-se compreender essas disputas como a tentativa de almejar um lugar no conjunto da tradição carnavalesca local.

Diálogos entre Fronteiras: Os Começos das Escolas de Samba

A historiografia comumente tem associado a origem das escolas de samba ao Rio de Janeiro⁷. Nesta cidade, segundo a socióloga Maria Isaura Pereira de

⁵ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado - Ensaio de Teoria da História*. Bauru: EDUSC, 2007, p. 185.

⁶ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo história*. Recife, 1930-1945. Recife: Bagaço, 2008, p. 28.

⁷ ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de História*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000; CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1996; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4.ed. Rio de Janeiro: FUNARTE; UFRJ, 2008; COSTA, Haroldo. *100 anos do carnaval do Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001; GOLDWASSER, Maria Júlia. *O Palácio do Samba: estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975; SEBÊ, José Carlos. *Carnaval, carnavais*. São Paulo: Ática, 1986; SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2008; LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba: ritual e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1977; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992; AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Queiroz, essas manifestações culturais ascenderam em virtude do ‘nacionalismo exacerbado’ que passou a predominar a partir dos anos de 1920. Dito de outra forma, para a referida pesquisadora, o carnaval das escolas de samba no Rio de Janeiro foi fruto do beneplácito de Getúlio Vargas que as teria abençoado como sinal de novos tempos, não passando tais mudanças de um arranjo de cima⁸.

Entretanto, de acordo com a historiadora Rachel Soihet, Getúlio Vargas valeu-se da música popular e das agremiações carnavalescas como veículo para a integração dos populares em seu projeto de construção da nacionalidade. Pois, segundo Soihet não se pode desprezar a participação de líderes populares no sistema, que, com isso, garantiam a presença reconhecida de suas manifestações nas ruas da cidade. Soihet ainda ressaltou que “os negros tiveram papel preponderante na construção dessa cultura, que passou posteriormente, a caracterizar toda a sociedade”⁹.

De acordo com Rachel Soihet, as escolas de samba tornaram-se o símbolo máximo do carnaval carioca por meio de uma convergência de interesses, o que garantiu o transbordamento da cultura popular na urbe nos anos de 1920. Foi através delas que se afirmavam os segmentos populares, que por tanto tempo estiveram condenados a segregação, e, dessa forma, alcançavam a participação na ‘vida pública’ da cidade e a legitimação de uma identidade própria. E continuou Soihet afirmando que:

*O processo de predomínio da cultura popular no carnaval carioca consolida-se com as escolas de samba, que teriam surgido em fins da década de 1920, quando ocorreu uma concentração maior da população pobre nos morros e nas áreas suburbanas. Os componentes das escolas de samba provinham das camadas mais baixas da população.*¹⁰

No Recife, de acordo com a pesquisa que venho desenvolvendo, pude observar a presença dos ‘grupos de samba’ nos jornais desde o final do século XIX, quando saíam às ruas no período dos festejos carnavalescos. Sobre os grupos que praticavam o samba e desfilavam durante o carnaval no Recife, o sambista José Bonifácio Dias dos Santos rememora:

A moçada que fazia samba era chamada Batucada, grupo de homens, chapéu de palha, instrumentos de borracha, não era couro, chamava “melê”, hoje é surdo. Saía no período do carnaval, bloco de samba, bloco de sujos. (Depoimento do senhor José Bonifácio, conhecido como Deca)¹¹

⁸ QUEIROZ, *O carnaval brasileiro...*, p. 93-96.

⁹ SOIHET, *A Subversão pelo Riso...*, p.158.

¹⁰ SOIHET, *A Subversão pelo Riso...*, p.159.

¹¹ Entrevista realizada em 22 de abril de 2010, com o sambista José Bonifácio Dias dos Santos, conhecido como Deca. Seu Deca, durante muitos anos, foi ligado à Escola de Samba Vai-Vai do Pina (bairro do Recife) e desde a década de 1990 faz parte da diretoria da FESAPE – Federação das Escolas de Samba em Pernambuco (grifos meus).

O que teria levado esses sambistas da primeira metade do século XX a procurarem participar de uma prática carnavalesca que, de acordo com o que venho pesquisando, desde os anos de 1940 já enfrentava a crítica de parcela da intelectualidade¹² local, que a entendia como ‘desvios identitários’ da ‘legítima cultura carnavalesca recifense’? Por que parcela dos foliões escolheu o samba na capital pernambucana?

A respeito do crescimento e de uma maior atratividade da prática do samba entre os foliões em Recife, destaco as considerações do antropólogo Hermano Vianna, quando mencionou que o rádio possibilitou, nas décadas de 1930-40, que as músicas, e demais formas de expressão presentes no carnaval carioca, fossem levadas às demais regiões do Brasil, numa tentativa de ‘colonizar’ internamente o país, que passou a ter o samba como estilo musical nacional¹³.

Dessa forma, o samba passou a ser mais divulgado nas rádios de todo o país como o estilo musical nacional. Era a tentativa de construção de uma identidade comum para a nação. Entretanto, em muitas localidades essa prática vai encontrar restrições. No caso de Pernambuco, havia os intelectuais, que questionavam por que um produto do Rio de Janeiro seria elevado à condição de símbolo da nacionalidade e não o frevo, que era ‘legítimo e autêntico ritmo da terra’? Entre outras questões, esse foi um dos motivos apresentados por alguns intelectuais para condenarem o samba na capital pernambucana.

Destaco abaixo uma matéria, entre tantas outras de mesmo sentido, publicada por um dos maiores críticos das escolas de samba no Recife, Mário Melo¹⁴ a respeito da presença dessas manifestações no carnaval da cidade:

*[...] incentivar o samba pelo carnaval, é trabalhar contra o frevo. É tirar o frevo do carnaval pernambucano, é acabar de vez com o que ele tem de original e metê-lo como reboque no carnaval carioca. [...] convém que os vereadores pernambucanos meditem nas minhas palavras e, se querem o carnaval do Recife com sua originalidade, com suas características inimitáveis, evitem qualquer referência, no projeto às “Escolas de Samba” porque equivalem a um câncer no frevo.*¹⁵

¹² Uma categoria social definida por seu papel ideológico: eles são os produtores diretos da esfera ideológica, os criadores de produtos ideológico-culturais. Ocupam, então, um lugar específico naquilo que se poderia chamar de processo de produção ideológica, o lugar do produtor imediato, que se distingue daquele do empresário, do administrador ou do distribuidor de bens culturais. Os intelectuais assim definidos compreendem grupos como os de escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de jornalistas, certos tipos de professores e estudantes etc. sobre ver: LÖWY, Michel. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979, p. 01.

¹³ VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ, 2007, p. 109-110.

¹⁴ Mário Carneiro do Rego Melo nasceu a 05 de fevereiro de 1884. Em 1907 graduou-se em Direito. Trabalhou nos jornais *Folha do Povo*, *Correio do Recife*, *Jornal Pequeno*, *A Província*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, dentre outros. Morreu em 24 de maio de 1959. Sobre Mário Melo, ver: ROSTAND, Paraíso. *Cadê Mário Melo*. Recife: COMUNIGRAF, 1997.

¹⁵ MELO, Mário. “Crônica da Cidade”. *Jornal do Commercio*, 07 de janeiro de 1956, p. 02 (grifos meus). Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ.

Ainda a respeito da presença do samba na capital pernambucana, o jornalista José Teles salientou que “apesar de todo o protecionismo o samba era mais tocado e tinha mais discos comprados no Recife. Seria impossível isolar o estado da potência das ondas curtas de emissoras como a Rádio Nacional”¹⁶. Conforme as colocações da historiadora Zélia Lopes da Silva, a respeito das mudanças implementadas no carnaval carioca ao longo dos anos de 1930, as quais se espalhavam pelo Brasil.

*[...] ao longo da década de 1930, houve alterações significativas na estrutura do carnaval praticado no Rio de Janeiro, que se projetam para os folguedos praticados em outras regiões do país, consagrando, como paradigmas, o baile de gala oficial, as escolas de samba e os desfiles oficiais, o Rei Momo e a rainha do carnaval, como parte constitutiva da nova estrutura dessas celebrações, muito embora o período de guerra tenha involuntariamente imposto um interregno a esse processo. Esse modelo, porém, não foi aceito em todo o país, notadamente naquelas localidades onde tais folganças se apoiavam em outras tradições, o que se verifica, sobretudo, no Norte e no Nordeste brasileiro.*¹⁷

Mesmo tendo sensibilidades dessas questões, pergunto-me, por que certos foliões do Recife escolheram uma prática cultural carnavalesca associada ao samba nos anos de 1930, uma vez que, nesse período, o samba já estava sendo construído como um fenômeno peculiar dos festejos carnavalescos do Rio de Janeiro, e na capital pernambucana foram entendidas como ‘desvios identitários’ do carnaval local? Será que a força do rádio e o ‘padrão’ carioca de carnaval eram tão fortes assim, que fizeram com que esses sambistas enfrentassem uma condenação expressa da intelectualidade recifense?

Na leitura dos jornais da época da capital pernambucana, encontrei matérias que mencionavam a presença de algumas agremiações carnavalescas, já denominadas de escolas de samba nos anos de 1940, entre os grupos que figuravam nesse período tem: *Santos Dumont; Duvidosas do Samba; Escola de Samba Oriente; Marca O’lho; Gigantes do Samba; Limonil; Milionários do Ritmo; Molambo da Vila; Mimosas da Folia; Sapato Furado*¹⁸; entre outras, que durante o período dedicado aos festejos do deus da galhofa realizavam ensaios e atraíam inúmeros foliões para suas apresentações.

¹⁶ TELES, José. *O Frevo rumo à modernidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008, p. 40-41.

¹⁷ SILVA, Zélia Lopes da. Os Carnavais na Cidade de São Paulo nos anos de 1938 a 1945, In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto & KHOURY, Yara Aun (orgs.). *Muitas histórias, outras memórias*. São Paulo: Editora Olho d’Água, 2004, p. 69-70.

¹⁸ “Escola de Samba Santos Dumont”. *Diário da Manhã*, 06 fev. 1947, p. 02. “Escola de Samba Duvidosas”. *Diário da Manhã*, 13 fev. 1947, p.06. “Escola de Samba Santos Dumont, realizou ontem seu penúltimo ensaio”. *Diário da Manhã*, 16 fev. 1947, p. 08. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

Tenho a sensibilidade que não posso falar de escola de samba como uma prática atemporal, fixa e imutável. Compreendo que essa prática se transformou ao longo dos anos e sua manifestação foi permeada de mudanças, tanto no Recife quanto no Rio de Janeiro. Além do que, de acordo com o que venho pesquisando, acredito que as escolas de samba que figuravam por terras recifenses até meados da década de 1970 pouco se assemelhavam as suas congêneres cariocas. Havia muito mais diferenças do que semelhanças¹⁹.

Não obstante a essas observações, o que teria levado esses sambistas a denominarem suas práticas de escola de samba, já que essa nomenclatura estava associada aos festejos cariocas? Como esses grupos eram formados? Que tipo de samba praticavam? Foram transpostos do Rio de Janeiro, como advogavam alguns? Ou já havia um samba em Recife que a ele foram somadas influências e diálogos múltiplos?

Escolas de Samba no Recife: Transposição do Rio de Janeiro?

A respeito dos começos das escolas de samba na capital pernambucana, uma das principais referências são os estudos realizados pela antropóloga Katarina Real²⁰. Esta chegou ao Recife em 1960 para realizar pesquisas sobre o carnaval na cidade, o que culminou com o lançamento do livro *O Folclore no carnaval do Recife*. Katarina Real, na década de 1960, passou a integrar a Comissão Organizadora do Carnaval (COC). Ela também frequentou a sede de várias agremiações carnavalescas e andou com figuras ‘ilustres’ dos festejos de momo local, tais como os maracatuzeiros Luiz de França, Eudes Chagas e D. Santa, o sambista Luiz Rodrigues Melo, entre outros.

Para Katarina Real, as escolas de samba constituíam uma presença bastante antiga no carnaval da cidade, datando da década de 1940 o aparecimento dessas práticas culturais. Ela menciona também que essas manifestações já começavam a despertar preocupação para os integrantes das agremiações mais ‘tradicionais’ do Recife.

Assim, a sua presença no Carnaval do Recife não é surpreendente. E essa presença tem de ser notada, não

¹⁹ Pela pesquisa que venho desenvolvendo em Recife (1950-1980) pude compreender que as escolas de samba recifenses utilizavam instrumentos de sopro em sua bateria até meados da década de 1970; tinham a figura do mestre de cerimônia que apresentava as alas; as alas das escolas se apresentavam em separado em cima de um tablado, além de outras diferenças. Mesmo após essa data outras peculiaridades, como a presença da ala de malabaristas, vão continuar marcando a diferença de seus desfiles em relação as escolas do Rio de Janeiro.

²⁰ Katarina Cate Real nasceu no dia 07 de dezembro de 1927, na cidade de Annapólis, Maryland, Estados Unidos. Formou-se em Artes e Estudos Luso-Brasileiros, pela Stanford University, em 1949. Na capital pernambucana, Katarina atuou principalmente junto à Comissão Pernambucana de Folclore (CPF), de 1964 a 1968, e foi presidente da Comissão Organizadora do Carnaval de Recife, de 1966 a 1968. Nos anos de 1960 terminou seu mestrado em Antropologia e Estudos de Folclore, na Universidade da Carolina do Norte, em Chape Hill (UNC-CH), sua dissertação foi sobre o carnaval brasileiro. KUBRUSLY, Clarisse Q. *Reflexão antropológica sobre a “experiência etnográfica” de Katarina Real com os maracatus em Recife*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007, p. 30-41.

*somente porque já é antiga, como também porque as escolas de samba são hoje uma força no carnaval da cidade – uma força de importância crescente, até o ponto de causar preocupações às agremiações mais tradicionais e aos defensores de um carnaval estritamente pernambucano.*²¹

De onde vieram as escolas de samba? Como surgiram no carnaval do Recife? Desde quando e por que essas agremiações começaram a utilizar a nomenclatura de escolas de samba? Para Katarina Real, essas manifestações culturais e o próprio samba são fenômenos resultantes de um processo de difusão do Rio de Janeiro para o Recife, ou seja, “sendo a escola de samba um caso, um grande caso, de difusão cultural do Rio de Janeiro para Pernambuco, temos que encontrar os caminhos dessa difusão”²². Ela conclui que:

*As primeiras escolas de samba apareceram no Recife há mais de 20 anos, geralmente, introduzidas por pernambucanos que, a serviço das forças armadas do país, tiveram de passar alguns anos no Rio e entraram em contato com o samba carioca. De volta ao Recife, esses pernambucanos fundaram escolas de samba, como Garotos do Céu, que segundo o Prof. Luiz Rodrigues, seu fundador, foi uma das primeiras. Reforçando esses entusiastas do samba, havia as visitas durante a II Guerra Mundial, dos navios da Marinha Brasileira, cujos tripulantes saíam em ‘batucadas’ para brincar o carnaval e ganhavam a simpatia do povo pernambucano. Daí em diante, as escolas de samba começaram a crescer, sempre contra a violenta oposição da Federação Carnavalesca Pernambucana e alguns de seus fundadores, como o grande folclorista pernambucano, Mário Melo.*²³

Transposição do Rio de Janeiro! Como se a frase fosse dotada de grande caráter elucidativo! Foi dessa forma que a antropóloga Katarina Real procurou resolver os problemas dos começos das escolas de samba na cidade do Recife. Não acredito ser difícil haver as trocas e os diálogos culturais entre os diferentes sujeitos sociais. Entretanto, o conceito de transposição, por si só, não elucidava os problemas. Não se pode pensar que uma prática cultural pode, simplesmente, ser transposta de um lugar para outro, além do que, de acordo com o que venho pesquisando, há indícios de que os usos do samba e a constituição das escolas no Recife não ocorreram tal como no Rio de Janeiro.

²¹ REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. revista e aumentada. Recife: FUNDAJ; Massangana, 1990, p. 49 (grifos meus).

²² REAL, *O Folclore no carnaval...*, p. 48.

²³ REAL, *O Folclore no carnaval...*, p. 48 (grifos meus).

No Rio de Janeiro, o surgimento e a legitimação das escolas de samba estiveram atrelados a um processo complexo, múltiplo, repleto de tensões e conflitos que englobavam desde a associação com antigas formas carnavalescas, como os ranchos, passando pelo processo de mediação cultural. A este respeito, vide o exemplo de Paulo da Portela nos anos de 1920 e 1930, e mais adiante de vários carnavalescos no início dos anos de 1960, até as medidas tomadas pelo poder público, principalmente, durante os governos varguistas²⁴.

Afirmar simplesmente que marinheiros, ao passar alguns dias no Rio de Janeiro, entravam em contato com o samba e, ao voltarem ao Recife, fundavam as 'primeiras' escolas de samba, e, como que num 'passe de mágica', essas manifestações passavam a exercer uma atratividade tamanha que começavam a enfrentar uma perseguição dos sujeitos que faziam a mais importante instituição do carnaval da cidade, a Federação Carnavalesca²⁵, para mim, não soluciona os problemas. É necessário atentar para as experiências dos sambistas durante os anos de 1920 e 1930, compreender que prática de samba estava sendo gestada nesse período.

Daí em diante, as escolas começaram a crescer, sempre contra a violenta oposição da Federação Carnavalesca Pernambucana e alguns dos seus fundadores, como o grande folclorista pernambucano Mário Melo. Com dons proféticos, Mário Melo previu que, para preservar o frevo e os clubes tradicionais da força desta 'intrusa' vigorosa, dinâmica e de irresistível simpatia, o Recife teria que tomar providências urgentes. Daí a origem da 'legislação carnavalesca' de 1956, que estipulou que do total da verba destinada aos clubes carnavalescos (verba antigamente da própria Federação Carnavalesca, mais tarde, porém, da Prefeitura Municipal do Recife), somente 5% podiam ser divididos entre todas as escolas de samba. O significado

²⁴ Sobre o processo de afirmação e legitimação das escolas de samba no Rio de Janeiro ver, entre outros, os trabalhos de: SOIHET, *A subversão pelo riso...*; AUGRAS, *O Brasil do samba-enredo...*; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Rito e o Tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Já sobre a atuação dos carnavalescos enquanto mediadores culturais ver: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008; SANTOS, Nilton. *A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

²⁵ A Federação Carnavalesca foi um órgão criado em 1935 por um grupo de pessoas ligadas a esfera do poder local, gente de poder político, econômico e de prestígio social. A Federação Carnavalesca tinha por objetivo a organização do carnaval do Recife. Tinha por meta moldar o carnaval recifense ao tradicionalismo histórico da festa. Tornou-se o órgão responsável por recolher junto ao comércio os recursos para a organização da festa. Assim, as agremiações que desejassem receber verbas para organizar suas apresentações no dia de momo deveriam se enquadrar ao ideário proposto pela Federação, caso contrário era vetada sua participação, bem como receber o pecúlio para a promoção de suas atividades momescas. Sobre a atuação da Federação carnavalesca no carnaval em Recife, ver: VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *A fresta do Estado e o brinquedo para os populares: histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

*desse artigo de lei era aparente: aumentando o número de escolas de samba, mais diminuta seria a ajuda oficial dada para cada uma.*²⁶

Estou longe de advogar com as afirmações da Katarina Real sobre os começos das escolas de samba no Recife. Acredito ser o processo que constitui o desfile dessas agremiações no carnaval da cidade um fenômeno complexo. Tenho a sensibilidade de que a 'origem' de uma prática cultural é humanamente impossível de ser demarcada e encontrada no tempo e no espaço, visto que esta é permeada por várias outras contribuições que à manifestação vão sendo somadas. Além disso, mesmo se pudesse encontrar a 'origem' da coisa, isso não significaria nada. Por esta e outras questões, prefiro seguir outros caminhos que o apontado pela referida antropóloga.

Valdemar de Oliveira²⁷ comenta, em seu livro *Frevo, capoeira e passo*, sobre o começo das escolas de samba no Recife. Remonta que esse processo estivera atrelado à 'decadência' do frevo, que sofreu com a concorrência impetuosa das escolas de samba. O sucesso dessas manifestações no carnaval recifense estava associado a sua apresentação mais variada, regular e ao ritmo da batucada, entre outros fatores. O autor salienta que para 'defender nossas tradições' não se devia combater as escolas de samba, mas ajudarem os clubes de rua para garantirem um maior brilhantismo dos festejos momescos 'legítimos e autenticamente recifenses'.

*[...] Escolas de Samba, que dizem ter surgido, no Recife, por ocasião da última guerra, quando o carnaval pegou muita tripulação de navio de guerra nacional folgando pelas ruas da cidade. Desde então, a Escola de Samba enraizou-se, cresceu, deu flor, está dando fruto, sendo o seu número, hoje, o mesmo de clubes-de-frevo de primeira categoria.*²⁸

Valdemar de Oliveira não chegou a mencionar que as escolas de samba correspondiam a um processo de difusão cultural do Rio de Janeiro, tal como afirmou a Katarina Real. Por outro lado, apresentou algumas similaridades com a referida antropóloga quando expôs a relação com a II Guerra Mundial e com os marinheiros. Marinheiros é uma palavra importante diante desses conflitos que se apresentam sobre o começo das escolas de samba na cidade. Mais adiante irei discutir melhor essa questão.

²⁶ REAL, *O Folclore no carnaval...*, p. 48 (grifos meus).

²⁷ Valdemar de Oliveira nasceu no dia 02 de maio de 1900, na cidade do Recife-PE. Em 1918 foi estudar medicina em Salvador, onde se formou em 1923, defendendo um trabalho sobre musicoterapia. Regressando ao Recife, passou a escrever no Jornal do Commercio e, a partir de 1935, manteve a coluna 'A Propósito', dedicada à música e ao teatro. In: SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário de folcloristas brasileiros*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999, p. 178-179.

²⁸ OLIVEIRA, Valdemar. *Frevo, capoeira e passo*. Recife, CEPE, 1971, p. 137 (grifos meus).

O jornalista Mário Melo, um dos maiores críticos das escolas de samba na capital pernambucana, afirmava que ao condenar sua presença nos festejos de momo estava defendendo a ‘legítima tradição carnavalesca recifense’. Numa matéria publicada no *Jornal do Commercio*, Mário Melo, procurou explicar o surgimento das escolas de samba em Recife. Para este jornalista, os embriões dessas manifestações eram as chamadas ‘turmas’ que desfilavam pelas ruas dos subúrbios da cidade. Ele conclui afirmando que:

*[...] Mais tarde na Segunda Grande Guerra, estando aqui ancorado o Cruzador São Paulo, os marinheiros formaram uma escola de samba e vieram à rua, à moda do carnaval carioca. E quando partiram deixaram aguçado o espírito da imitação. Começaram a surgir escolas de samba. Era a infiltração prejudicial ao nosso folclore. Deixamo-las à parte como quistos. Nunca filiamos nenhuma, por ser prejudiciais ao nosso carnaval típico.*²⁹

Pelas colocações do jornalista Mário Melo, posso interpretar que a nomenclatura ‘escola de samba’ teria surgido em Recife por volta dos anos de 1940 e que essa prática foi introduzida na cidade pelos marinheiros. Entretanto, de acordo com o que venho pesquisando, os grupos que praticavam o samba na capital pernambucana eram bem anteriores ao período da Segunda Guerra Mundial. No entanto, vale ressaltar que o aparecimento do nome ‘escola de samba’ neste período é algo bem provável, essa é uma possibilidade.

Outro jornalista a se posicionar a respeito dos começos das escolas de samba no Recife foi José Teles, que segundo afirmou essas remontam aos anos de 1930, por meio das denominadas ‘turmas’, seus embriões. Nesse período, havia as chamadas ‘turmas quentes’, ‘turmas frias’, ‘turmas elétricas’ e as ‘turmas boas’, que se espalhavam pelos mais variados bairros da cidade e já começavam a despertar, nesses anos, a atenção dos intelectuais preocupados com a ‘pureza’ das tradições (no sentido mais convencional de sua conceituação) do carnaval local.

O embrião das escolas de samba em Pernambuco remonta à década de 1930. Um dos primeiros a compor para elas foi Edgar Ferreira (autor de alguns clássicos do repertório de Jackson do Pandeiro, entre outros, 17 na corrente e 1x1), para a ‘turma boa’, de Afogados. Havia também pela

²⁹ MELO, Mário. “Crônica da Cidade, dezembro de 1955”. *Jornal do Commercio*, apud: TELES, José. “Conflitos: um passado de preconceitos”. *Revista Continente*, fev. 2011, p. 29. Vale ressaltar que não encontrei a matéria citada na data informada pelo jornalista José Teles. Entretanto, como não é possível ter acesso a todos os dias do *Jornal do Commercio* nos anos de 1955 e 1956, tanto no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, quanto na Fundação Joaquim Nabuco, pois encontram-se alguns exemplares extraviados ou mesmo indisponíveis para consulta, é bem provável que essa matéria só esteja disponível ou na sede do próprio *Jornal do Commercio* (à qual não tive acesso, apesar de algumas tentativas) ou mesmo faça parte do acervo pessoal do jornalista citado.

mesma época a ‘turma elétrica’. As batucadas de inspiração carioca, chamadas de ‘turma’, eram esnobadas pela imprensa da época, provavelmente, porque não se sabia como classificá-las. A ‘Gigantes do Samba’, da Bomba do Hemetério, uma das escolas de samba mais importantes de Pernambuco, começou como a ‘turma quente’, fundada em 1937, em Água Fria por um grupo de amigos, entre os quais Waldomiro Silva, Olímpio Ferreira, José Marques da Silva, Luis Ferreira de França. Em 1938, a batucada saiu com outro nome ‘Garotos do Céu’. Em 1941, adotou o nome ‘Gigantes do Samba’. Os que combatiam as marchinhas e sambas cariocas nem imaginavam a ameaça que essas supostamente irrelevantes ‘turmas’ seriam para o frevo dentro de pouco mais de dez anos. Organizadas a partir de 1940, na década seguinte, elas já eram em número suficiente para desfilar na avenida, e começar a preocupar os defensores do frevo.³⁰

É interessante as colocações de José Teles a respeito das ‘turmas’ serem os embriões das escolas de samba, pelo que pude interpretar, essa história se repete nos escritos de alguns intelectuais, bem como nas memórias de muitos sambistas. Por meio da presença dessas ‘turmas’, posso questionar também sobre as colocações de alguns estudiosos que entendiam as escolas de samba como uma prática externa, pertencente ao Rio de Janeiro, ou mesmo que esta só chegou ao Recife por meio da imposição de um modelo de carnaval carioca através das ondas do rádio. O samba já existia em Pernambuco, e a ele os sujeitos que o significavam foram somando influências e travando diálogos múltiplos. Bem como já havia na cidade um ‘modelo’ de escola de samba diferente do carioca que, evidentemente, foi sendo construído, reconstruído e ressignificado com o passar dos anos.

Construtores de Samba: Contando Histórias

Segundo o historiador Ivaldo Marciano de França Lima, mesmo com sua validade, as pesquisas de Katarina Real e Valdemar de Oliveira chocam-se com as memórias de uma antiga moradora e sambista do Alto de Santa Isabel, Dona Leinha. Segundo esta senhora, “a batucada Cuíca de Bambu foi o ‘primeiro’ grupo de samba que conheceu. Mais tarde, essa agremiação vai dar origem à Escola de Samba Quatro de Outubro, no Alto de Santa Isabel”.³¹

Ou seja, as memórias desta senhora advogam que já havida na capital pernambucana uma prática de samba, e não foi simplesmente, como defendiam alguns intelectuais, transposto do Rio de Janeiro. Suas lembranças vêm corroborar

³⁰ TELES, *O Frevo rumo...*, p. 40-41 (grifos meus).

³¹ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África: História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010, p. 231.

com a de outros antigos sambistas que afirmavam que as escolas de samba em Recife remontavam aos anos de 1930 e, dessa forma, entram em conflito com as afirmações de Katarina Real e Valdemar de Oliveira.

Num texto escrito por Edvaldo Ramos, jornalista e ex-presidente da União das Escolas de Samba de Pernambuco (UESP), baseado nas memórias de Ranulfo Ferreira, um antigo sambista do Recife, há a seguinte versão sobre o aparecimento das escolas de samba que se junta a de Dona Leinha e outros congêneres:

[...] Em Pernambuco, a Escola de Samba tem sua história e luta pelo seu espaço. Em 1942, na época da 2ª Guerra Mundial, chegando ao Recife, o Encouraçado São Paulo trazia, entre seus tripulantes, além de uma banda marcial, elementos que compunham um bloco de samba, que desfilou na cidade, pela primeira vez com o nome de Mimosas da Folia (rancho e escola dessamba). Destacava-se na escola de samba, o Cabo Lavanca, hoje Tenente José Carlos, com seu tamborim. É professor aposentado da Escola de Pesca Almirante Tamandaré. Já havia em Casa Amarela a batucada o Bando da Noite, dirigido por Lourival de Jesus, Nenen, Ulisses, Xixarrão, Ranulfo e outros. De Bando da Noite passou a Cuíca de Bambu, ainda batucada, e por fim ficou sendo Escola de Samba Quatro de Outubro [...].³²

Nada impede que entre textos acima possam ser observados diálogos. As memórias de Dona Leinha, juntamente com as de Ranulfo e o texto de Edvaldo Ramos dialogam em suas afirmações sobre o começo das escolas de samba. Não desmentem totalmente os estudos de Katarina Real e Valdemar de Oliveira, pois faz referência a presença dos marinheiros com ‘o seu samba’. Entretanto, destaca que ao chegarem ao Recife, provavelmente, tenham dialogado com ‘o samba que já existia pela cidade’.

Entretanto, esse último fato é despercebido pela maioria dos intelectuais que tratam dos começos das escolas de samba em Recife. Esses indivíduos ou não tomaram conhecimento em suas pesquisas ou simplesmente omitiram tal fato, que a meu ver é de relevante importância destacar: em Recife já havia samba antes do contato com uma prática (modelo) de escola de samba praticado no Rio de Janeiro.

Numa matéria publicada no Diário de Pernambuco, o jornalista Valdi Coutinho, um dos ‘defensores’ do samba na capital pernambucana, entrevistou o sambista Luiz Rodrigues, um dos principais nomes que figuravam nos jornais nesses anos (1950-1970) como participantes da escola Gigantes do Samba. Luiz Rodrigues afirmou que, ao chegar à cidade, vindo do Rio de Janeiro, encontrou em Recife um samba diferente daquele praticado por terras cariocas, denominado de ‘turmas’. Segundo relatou ao jornalista Valdi Coutinho, era um samba de família, mais restrito

³² RAMOS *apud* LIMA, Entre Pernambuco..., p. 232 (grifos meus).

ao subúrbio, não se dirigia ao centro da cidade durante o carnaval. O sambista também confirma a história dos marinheiros como os iniciadores do samba de escola na capital pernambucana.

Quem contou a história do samba em Pernambuco para a gente foi seu Luiz Rodrigues da Silva Melo, um dos seus iniciantes por essas plagas. ‘Naquele tempo (1936), eu havia chegado do Rio e encontrei por aqui algumas turmas que visitavam casas de família, nas ruas de subúrbio, com uma espécie de batuque diferente, quase iguais ao que lá havia deixado. Ambientei-me com a ‘Turma Quente’, ‘Turma Sem Rival’ e ‘Quem Fala de Nós Tem Paixão’, e comecei a acompanhar a rapaziada em seus passos, de preferência até Prazeres. O povo gostava muito e elas foram aumentando. De 30 a 40 participantes algumas vezes alcançou até 100. Eu continuava insistindo que escola de samba não era somente para casa de família, mas também para sair às ruas do centro durante o carnaval. A primeira vez que isto aconteceu foi durante a II Guerra Mundial, quando marinheiros do ‘Tender’ Belmonte e do Cruzador ‘São Paulo’ desfilaram pelas ruas com ‘Mimosas em Folia’ que obteve grande sucesso. O relato, em suas essências, foi confirmado pelo pesquisador, etnógrafo e jornalista Paulo Viana, que acrescentou “Daí então, as ‘turmas’ viraram ‘Escolas’ e formaram adeptos”.³³

Ainda na pesquisa que realizei junto aos periódicos, encontrei uma matéria publicada no Jornal do Commercio que informava, conforme a opinião de um sambista denominado de ‘Confiança’, o qual, segundo as informações ali contidas, era um indivíduo ligado, desde muitos anos, à escola Gigantes do Samba, que as primeiras manifestações das escolas de samba na capital pernambucana remontavam também às ‘turmas’, e a sua própria agremiação também já havia saído durante o carnaval com essa designação.

NASCEU NO MORRO

<Confiança> disse que a <Escola> saiu pela primeira vez em 1937, com a denominação de <Turma Quente> fundada no subúrbio de Água Fria, por um grupo de foliões, tais como, Waldomiro Silva, Guilherme Braz, Olímpio Ferreira da Silva, José Marques da Silva, Luiz Ferreira de França e outros, sendo sua primeira sede localizada na residência de um dos fundadores, onde permanece até o presente. Naquela época, ainda éramos projeto de

³³ “No carnaval do Recife cabe o samba também”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 jan. 1969, p. 02, III caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE (grifos meus).

<escola>, pois não tínhamos nem sequer instrumentos. Saíamos batendo em latas. Em 1938, desfilamos naquele subúrbio com outro nome: <Garotos do Céu>, passando em 1941, para o atual <Gigantes do Samba>, sob cujo título requeremos filiação à Federação Carnavalesca, na 2ª categoria, desfilando pela manhã, até 1953.³⁴

Realizei uma entrevista com o sambista Antônio José de Santana, mais conhecido como 'Belo-x', que durante os anos de 1960 e 1970 foi ligado à Escola Estudantes de São José, nos dias atuais é compositor e intérprete da Gigantes do Samba. Este sambista recordou que a primeira escola de samba do Estado de Pernambuco foi a *Duvidosas do Samba*, que atualmente é a *Gigantes do Samba*. No entanto, ele ressaltou: "já ouvi falar que a mais antiga é a *Almirantes do Samba*, do bairro de São José, mas não tenho uma certeza disso não". Belo-x também associa os começos das escolas de samba na cidade do Recife à presença dos marinheiros:

Segundo meu pai fala, as escolas de samba surgiram quando os marinheiros aportaram aqui no cais e eles vindo todos do Rio de Janeiro, e aonde eles aportavam, eles começavam a fazer, a trazer aqueles instrumentos de escola de samba. E muitas vezes, no carnaval eles faziam um desfile na rua, aí todos eles tocavam, porque todos eles eram da Portela ou da Mangueira, e ele me disse que a escola de samba veio desse negócio. Tanto que existe uma figura que foi esquecida pelo mundo do samba aqui, que foi o mestre Lavanca, de Gigantes, que era marinheiro e que teve esse comportamento antes de vir morar em Recife. Quando o navio aportava aqui, ele trazia os marinheiros, já tinham bateria, tinha surdo, tinha caixa, tamborim e faziam um carnaval aqui. E meu pai disse que aquilo ali incentivou muito as escolas de samba a se formarem aqui em Recife.³⁵

De acordo com as memórias do folclorista e fundador da Escola Estudantes de São José, Liêdo Maranhão, a história dos começos das escolas de samba de Recife relacionados aos marinheiros se repete³⁶. Para Liêdo Maranhão essas agremiações

³⁴ "Gigantes tem baile de gala". *Jornal do Commercio*, Recife, 06 fev. 1966, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

³⁵ Entrevista realizada por mim com o sambista Antônio José de Santana, mais conhecido como Belo-X, em 26 de novembro de 2010. Belo-X é interprete de sambas, foi ligado nos anos de 1970, 80 e 90 à escola Estudantes de São José, na qual também foi compositor. Atualmente é intérprete oficial da Escola Gigantes do Samba.

³⁶ Liêdo Maranhão de Souza, dentista de profissão, nasceu em 03 de julho de 1925, na cidade do Recife. Liêdo Maranhão tornou-se conhecido na capital pernambucana por sua atuação como folclorista. A entrevista foi realizada em 30 de maio de 2008, pelas professoras Isabel Guillen e Ângela Grillo, e pelo professor José Britto. A entrevista foi transcrita por Gabriel Navarro e encontra-se disponível para consulta no Laboratório de História Oral e Imagem – LAHOI, no Departamento de História (11º

foram introduzidas na cidade após ‘um navio, do Rio de Janeiro, ficar atracado aqui no período do carnaval e um grupo de rapazes saírem pelas ruas cantando o samba’. E sobre isso rememora:

[...] Aqui esteve um navio que ficou aqui no carnaval, atracado, um navio brasileiro. E no carnaval eles saíram fantasiado de menino novo, com aquela roupinha de menino, aquele gorrinho e uma chupeta na boca. E o nome era Mimosas da Folia. Então, depois do carnaval, dessa Mimosa da Folia, apareceram escolas de samba, as primeiras escolas [...].³⁷

Como venho tentando demonstrar, os começos das escolas de samba na capital pernambucana são permeados de conflitos e tensões. Entretanto, em torno deles posso empreender algumas similaridades, entre elas, estão as ‘turmas’ enquanto embriões dessas manifestações, bem como a presença dos marinheiros como seus iniciadores.

Sobre a presença dos marinheiros, questiono-me até que ponto essa relação não estava atrelada à figura do sambista da Gigantes do Samba, José Carlos, conhecido como Lavanca, já que este também era marinheiro. Lavanca é considerado pela ‘tradição’ sambista do Recife como uma das pessoas mais importantes dentro do processo de constituição, afirmação e difusão de uma prática de samba na capital pernambucana.

Lavanca foi um antigo sambista, mestre de bateria da escola Gigantes do Samba, carioca e marinheiro aposentado. Segundo relatam algumas matérias de jornais, Lavanca foi responsável pela introdução em Recife, no final dos anos de 1960, de um samba marcado pela percussão contra os instrumentos de sopro tão presentes nas apresentações das escolas de samba da cidade até os anos de 1970³⁸.

Será que o fato de Lavanca ser marinheiro não teria influenciado as histórias, as relações com os começos das escolas de samba na cidade associadas a esse grupo? Não duvido que marinheiros, pernambucanos ou cariocas, pudessem, no período carnavalesco, sair pelas ruas do Recife cantando e dançando o samba. Mas, a partir disso, tomar esse fato como o marco dos começos das escolas de samba na cidade? Isso pode ser apenas o ‘lugar comum’ e talvez o caminho mais ‘fácil’ para a explicação dos fatos.

Talvez os marinheiros, estando em Recife no período do carnaval, possam ter constituído um grupo denominado, de acordo com as memórias de alguns sambistas, de ‘Mimosas da Folia’ e saído durante os dias de momo pelo centro da capital pernambucana. Esse acontecimento pode ter despertado, nos sambistas das agremiações já existentes na cidade, o desejo de fazer o mesmo, uma vez que, segundo relataram alguns sambistas, os grupos de samba eram mais restritos aos

andar) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco.

³⁷ Depoimento de Liêdo Maranhão; grifos meus.

³⁸ “Escolas só com batuque”, *Diário da Noite*, Recife, 26 jan. 1966, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

subúrbios.

Destarte, mais uma vez defendo a ideia de que pode ter existido sim diálogo entre o samba praticado no Rio de Janeiro e o realizado no Recife. No entanto, não acredito em transposição da prática. O samba foi sendo feito, refeito e reapropriado pelos sujeitos sociais que o significavam por terras pernambucanas.

Ser a primeira Escola de Samba no Recife: em busca de um lugar na tradição

Voltando ao texto do Edvaldo Ramos, pode-se observar outro conflito, isto é, as disputas em torno da primazia das escolas de samba na cidade. Lutas pela possibilidade de ser legitimada como a escola de samba mais antiga do Recife. Conforme Ramos, a *Batucada Bando da Noite* já existia pela cidade, depois tornou-se a *Escola de Samba Quatro de Outubro*, como também confirma algumas informações a respeito da presença da escola ‘*Mimosas da Folia*’, introduzida na cidade por um grupo de marinheiros do Rio de Janeiro.

A antropóloga Katarina Real afirma que a ‘primeira’ escola de samba da cidade foi a *Garotos do Céu*. No Guia do Folião, uma publicação da Prefeitura Municipal do Recife, uma informação diferente a estas foi apresentada:

[...] No Recife, as primeiras referências do samba de escolas encontram-se no bairro de Casa Amarela, na batucada o Bando da Noite, mais tarde chamada Escola de Samba Quatro de Outubro. Nos anos 1930, a Escola de Samba Limonil, do bairro de Afogados, entra para a história do carnaval da cidade. Na década de 1940, a chegada do Encouraçado São Paulo, que trazia sambistas entre seus tripulantes, contribuiu para o aumento de blocos e escolas de samba [...].³⁹

O texto acima menciona a *Bando da Noite* como a escola de samba ‘mais antiga’ e a *Limonil*, fundada já nos anos de 1930. Mais uma vez a referência aos marinheiros e ao Encouraçado São Paulo aparecem. Tal versão reforça a concepção de que o samba no Recife foi trazido do Rio de Janeiro pelos marinheiros. A informação de que a *Limonil* é a escola de samba mais antiga é confirmada mais adiante no mesmo Guia do Folião, distribuído pela Prefeitura da cidade do Recife:

[...] A Escola de Samba Limonil surgiu de uma reunião de amigos que conversavam e bebiam na esquina da 5ª Rua da Vila São Miguel, atual Campo Largo, onde até hoje funciona sua sede. Antes de sua fundação como Escola de Samba, que ocorreu em 28 de maio de 1935, era denominada de batucada, manifestação bastante

³⁹ “Escolas de samba”, In: *Guia do folião*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, páginas não numeradas, 2008. Grifos meus.

*comum no Recife [...]. Limonil é a mais antiga Escola de Samba em atividade, tendo como grande referência a sua bateria que, a partir da década de 60, foi considerada por 10 anos consecutivos a melhor bateria do Concurso de Agremiações Carnavalescas [...].*⁴⁰

As informações contidas no Guia do Folião foram coletadas através de uma entrevista realizada com o senhor Dilermando José do Nascimento, com quem também fiz uma entrevista, momento em que me confirmou suas colocações feitas para a publicação da prefeitura do Recife. Quando o indaguei sobre a ‘primeira’ escola de samba, Seu Dilermando foi taxativo: “a escola de samba mais antiga do Recife é a Limonil, embora haja outras da mesma época, como a Duvidosas do Samba, a Almirantes do Samba e a Milionários do Ritmo”. (Depoimento de Dilermando José do Nascimento)⁴¹.

Retornando as memórias do folclorista Liêdo Maranhão, a primeira escola de samba do Recife foi a ‘Mimosas da Folia’. De acordo com o folclorista citado, as escolas de samba foram introduzidas na cidade por marinheiros cariocas. Após fundarem tal escola, as suas congêneres começaram a atrair a atenção dos foliões recifenses.

*A primeira escola de samba que surgiu aqui no Recife foi Mimosas da Folia. Não se conhecia escola de samba, escola de samba era uma coisa do Rio de Janeiro. Não havia escola de samba aqui. Aqui esteve um navio que ficou aqui no carnaval, atracado, um navio brasileiro. E no carnaval eles saíram fantasiados de menino novo, com aquela roupinha de menino, aquele gorrinho e uma chupeta na boca. E o nome era Mimosas da Folia. Então, depois do carnaval, dessa Mimosas da Folia, apareceram escolas de samba, as primeiras escolas.*⁴²

A referência à escola de samba ‘Mimosas da Folia’ aparece também numa matéria publicada no jornal Diário da Noite, que alegava tratar-se da afirmação do sambista Irak Santos. Este foi uma das principais figuras da escola Estudantes de São José durante os anos de 1960 e 1970. Agremiação que tanto o senhor Liêdo Maranhão como Irak afirmam serem um dos fundadores.

APARECIMENTO DAS ESCOLAS DE SAMBA – UM POUCO DE HISTÓRIA

⁴⁰ “Escolas de samba”, in *Guia do folião*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, páginas não numeradas, 2008. As versões existentes no Catálogo de 1988 e no Guia do Folião são repetidas em: *Cartilha do Carnaval*. Prefeitura da Cidade do Recife, 2010, p. 50. Grifos meus.

⁴¹ Entrevista realizada por mim com o senhor Dilermando José do Nascimento, em 02 de fevereiro de 2011. Dilermando nasceu em 07 de fevereiro de 1949 (dia de carnaval) e sempre foi ligado à escola Gigantes do Samba, da qual já foi Presidente.

⁴² Depoimento de Liêdo Maranhão; grifos meus.

Falando do aparecimento das escolas de samba no carnaval recifense disse o Snr. Irak Santos, que é fundador de Estudantes de São José, que muito contribuiu para isto uma exibição, em 1945, das Mimosas em Folia, escola de samba integrada por marujos do cruzador <São Paulo>.⁴³

Já num material distribuído pela Prefeitura da Cidade do Recife, na parte destinada ao samba, novamente a questão da primazia das escolas de samba foi colocada em debate. De acordo com as informações colhidas junto a este folheto, quem aparece como a ‘mais antiga’ escola de samba do Recife é a Gigantes do Samba:

[...] Fundada em 16 de março de 1942, no Alto do Céu, em Água Fria, a Escola de samba Gigantes do Samba provavelmente é a mais antiga que desfila no carnaval do Recife [...].⁴⁴ (Grifos meus).

Os conflitos em torno da primazia do samba em Recife estavam atrelados a um processo de busca pela legitimidade e de um espaço maior perante uma sociedade hostil ao que considerava ‘estrangeiro’, mas que, ao mesmo tempo, valorava palavras como ‘tradicional’ e ‘tradição’. Assim, seja ela a *Quatro de Outubro* ou a *Cuíca de Bambu*, a *Gigantes do Samba* ou a *Garotos do Céu*, ou mesmo a *Limoni*, ou a *Mimosas da Folia*, nessa disputa pela primazia o que estava em jogo mesmo era ocupar o posto de destaque, de visibilidade, demonstrar que estavam na terra há muito tempo, a fim de barganhar um lugar dentro do conjunto das tradições carnavalescas do Recife. Era a busca por um espaço dentro da ‘Tradição’.

Ser nomeada a ‘primeira’ escola de samba do Recife era almejar um lugar dentro da tradição carnavalesca local. Por isso, talvez, nas memórias de muitos sambistas haja a associação entre a sua escola e outra do passado, ou mesmo tome para si o status da ‘pioneira do carnaval pernambucano’. Numa terra onde os sambistas enfrentavam inúmeras críticas da intelectualidade e foram considerados estrangeiros em seu próprio estado, ser nomeados como pertencentes a primeira escola de samba, provavelmente, traria destaque e visibilidade.



⁴³ “Estudantes de S. José gastará Dez Milhões no carnaval deste ano”. *Jornal do Commercio*, Recife, 28 jan. 1965, p. 08. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE. Grifos meus.

⁴⁴ GRES Gigantes do Samba. *Carnaval*. Impressão digital do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2003, p. 19, apud LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África: História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010, p. 233.

RESUMO

Este artigo procura investigar os começos das escolas de samba na capital pernambucana, buscando problematizar as versões construídas a respeito do acontecimento. Para tanto, utilizo nesse trabalho as matérias dos jornais e os relatos orais de memórias. Os sambistas em Recife foram vistos, durante muitos anos por parcela da intelectualidade local, como adeptos de uma prática alienígena, visto que as escolas de samba foram consideradas uma manifestação carioca e não deveriam figurar por terras pernambucanas. Talvez, essa questão explique o silêncio intelectual que enfrentaram.

Palavras Chave: Carnaval em Recife; Escolas de Samba; Intelectuais.

ABSTRACT

This paper investigates the beginnings of samba schools in Recife, seeking to question the constructed versions about the event. The sources used was a group of newspapers excerpts and oral reports of memories. The samba dancers in Recife were seen for many years a portion of the local intelligentsia, as followers of an alien practice, since the samba schools were considered a manifestation of Rio de Janeiro and should not appear on Pernambuco's land. Perhaps this explains the intellectual silence issue they faced.

Keywords: Recife Carnival; Samba Schools; Intellectuals.

Artigo recebido em 06 set. 2012.

Aprovado em 13 dez. 2012.